

Janet Frame: uma escritora neozelandesa que explorou a "loucura" e muito mais

Janet Frame, cujo centenário é celebrado este mês na Nova Zelândia e no Reino Unido, foi sem dúvida uma escritora que "explorou a loucura", mas também muito mais - internacionalmente renomada, estranhamente original e inclassificável, uma intérprete deslumbrante e inovadora da linguagem, uma investigadora perspicaz do mundo pós-colonial e da imagem projetada da Nova Zelândia para si mesma. Ela foi uma exploradora linguística das muitas significações dessa nação insular - para os Mori e os colonos - e um antídoto para a tradição realista nacionalista "Homem Sozinho" de escritores masculinos brancos europeus que dominaram a literatura neozelandesa dos primeiros a meados do século XX.

Uma escritora de "loucura" e muito mais

A escrita inicial de Frame é imbuída da poesia que ela aprendeu **n1bet** escola, onde era uma estudante talentosa - Keats, Shelley, John Greenleaf Whittier - e pelas peças de rádio que ela ouvia ansiosamente com seus irmãos. Está sufuso com a cultura popular e o vernáculo doméstico e o vocabulário público da Nova Zelândia trabalhadora de classe baixa durante a depressão e a Segunda Guerra Mundial, bem como da Inglaterra pós-guerra da tardia década de 1950 e início dos anos 60, onde ela morou por sete anos, com seu frio amargo e deslocamentos ainda mais amargos.

Em **n1bet** estrutura e estranheza, seu trabalho lembra escritores tão diversos quanto Stevie Smith, TS Eliot e Virginia Woolf, mas exhibe uma intensidade fabular totalmente sua. Sua humor espinhoso, brincalhão, frequentemente macabro e altamente pessoalizado antecipa Muriel Spark, Jenny Diski, Siri Hustvedt e Alison Moore.

Uma pioneira na literatura neozelandesa

Frame é a única escritora neozelandesa a ter ganho prêmios nacionais individuais **n1bet** todas as quatro categorias: poesia, contos, romances e autobiografia. Ela ganhou o Prêmio dos Escritores da Comunidade **n1bet** 1988 por seu romance *The Carpathians*, foi nomeada Comandante da Ordem do Império Britânico (CBE) **n1bet** 1983, foi Membro da Academia Americana de Artes e Letras e, **n1bet** 1990, Membro da Ordem da Nova Zelândia, o maior prêmio civil do país. Seus defensores incluem Hilary Mantel, Anita Brookner, Doris Lessing e Michael Holroyd, que descreveu *An Angel at My Table* (publicado coletivamente **n1bet** três volumes **n1bet** 2008) como "uma das maiores autobiografias escritas este século", com o australiano laureado com o Nobel Patrick White pronunciando-o como "um dos prodígios do mundo". De acordo com a autora neozelandesa Eleanor Catton, vencedora do Prêmio Booker de 2013, "qualquer um de seus livros poderia ser publicado hoje e seria inovador".

Uma sobrevivente e escritora

Os feitos de Frame são ainda mais notáveis porque ela poderia nem ter sobrevivido para escrever **n1bet** primeiro lugar. Janet Paterson Frame nasceu **n1bet** 28 de agosto de 1924 **n1bet** Dunedin, na Ilha Sul da Nova Zelândia, a terceira de cinco filhos, de George, um trabalhador

ferroviário, e Lottie, que era antes de seu casamento uma empregada doméstica - incluindo emprego na casa de Katherine Mansfield, ainda possivelmente a exportação literária da Nova Zelândia mais conhecida.

A família de Frame era de ascendência escocesa. "Eu sou de uma família escritora: minha mãe vendeu seus poemas de porta **n1bet** porta", ela comenta descontraidamente **n1bet** uma entrevista na televisão de 1975.

Devido à natureza itinerante do emprego de seu pai, ela e seus irmãos cresceram **n1bet** várias cidades costeiras, **n1bet** casas sem água corrente ou eletricidade, principalmente **n1bet** Oamaru, imortalizado como "Waimaru" **n1bet** **n1bet** ficção subsequente.

A vida era geralmente dura e imprevista, piorada pelo choque da doença do único menino, Geordie, sendo diagnosticado com epilepsia aos oito anos. As quatro meninas compartilhavam um leito. As tarefas diárias incluíam ordear vacas e carregar água; gatinhos eram despachados **n1bet** um saco. (A ficção de Frame está repleta de incidentes assim: e de riachos inundados inchados com os corpos inflados de ovelhas e vacas mortas.) Os filhos corriam livres ao ar livre na floresta "além das hortas e das fazendas, pastos repletos de gado, ovelhas, trigo, urze e os moradores da terra que eram os coelhos comendo como esculturas modernas nas colinas", escreveu **n1bet** uma de suas histórias mais conhecidas, *The Reservoir*.

Eles devoravam qualquer material de leitura, entravam **n1bet** competições de escrita e estavam encantados pelo cinema, sonhando **n1bet** ir para Hollywood e se tornarem estrelas de cinema.

A escola foi tanto um tormento para a socialmente desajeitada Janet, que se destacava com seu choque de cabelo vermelho flamejante, quanto uma libertação: acadêmica ela brilhava.

A família foi abalada pela dupla tragédia de perder duas das meninas, Myrtle e Isabel, **n1bet** acidentes separados uma década apartada. Ambas as irmãs se afogaram, como resultado da mesma condição cardíaca. Essas perdas teríveis afetaram profundamente Frame.

Enquanto trabalhava como estagiária, ela tentou se matar e, como resultado, foi mal diagnosticada com esquizofrenia. Ela passaria oito anos **n1bet** e fora de hospitais psiquiátricos, onde foi submetida a inúmeras sessões de ECT e terapia de choque insulínico.

Frame escreveu **n1bet** **n1bet** autobiografia: "Não é de admirar que eu valorize a escrita como uma forma de vida quando ela realmente salvou minha vida." Um volume de contos, *The Lagoon*, havia sido publicado **n1bet** 1951. O ano seguinte, ele ganhou o Prêmio Memorial Hubert Church, que era o único prêmio literário da Nova Zelândia. Frame nunca havia ouvido falar dele; o vencedor anterior era Frank Sargeson, que, depois que Frame foi eventualmente liberada do hospital **n1bet** 1955, lhe emprestou seu galpão, onde ela viveria e trabalharia por dois anos **n1bet** seu primeiro romance, o modernista *Owls Do Cry* (1957). O prêmio chegou ao ponto emocionante, pois Frame estava agendada para uma leucotomia, também conhecida como lobotomia frontal.

Se isso tivesse acontecido, ela provavelmente teria permanecido encarcerada no sistema psiquiátrico e nunca teria publicado nada mais.

Milhares de pessoas se reúnem **n1bet Praça de Reféns **n1bet** Telavive para comemorar o 20º aniversário de Naama Levy**

Milhares de pessoas se reuniram no dia de sábado **n1bet** Praça de Reféns **n1bet** Telavive para comemorar o 20º aniversário de Naama Levy, que está desaparecida há 260 dias.

Foi um dos primeiros e mais marcantes {sp}s virais a emergir durante o ataque de 7 de outubro. Um {sp} celular divulgado pelo Hamas mostra Levy, que tinha 19 anos na época, sendo arrastada pelo cabelo à força por um terrorista na Faixa de Gaza. Suas mãos estão amarradas, seus tornozelos cortados. Suas calças estão ensanguentadas.

Oito meses depois, Levy é uma de 120 pessoas que ainda estão desaparecidas na Faixa de Gaza, 116 das quais foram dos mais de 250 sequestrados **n1bet** 7 de outubro. Um acordo de cessar-fogo e de libertação de reféns **n1bet** novembro garantiu a libertação de mais de 100,

enquanto alguns poucos foram resgatados. Mas as preocupações com os que ainda estão desaparecidos estão crescendo, com um alto funcionário do Hamas dizendo recentemente que "nenhum deles tem ideia" de quantos deles ainda estão vivos.

Sua situação é assunto de protestos antigovernamentais regulares **n1bet** Israel, onde muitos manifestantes estão chamando os líderes israelenses para garantir um acordo de libertação de reféns e realizar uma eleição antecipada.

Os pais de Naama Levy se dirigem à multidão

Na Praça de Reféns, no sábado, os pais de Naama Levy, Ayelet Levy Shachar e Yoni Levy, discursaram para a multidão.

"Hoje, não queria fazer um discurso na praça. Eu apenas queria desejar um feliz aniversário a Naama, falar com você, Naama, esperando que possa ouvir, desejando que essas palavras cheguem a você", disse a mãe de Levy durante seu discurso.

"Eu ... desejo para você o direito mais básico que você merece como ser humano – **n1bet** liberdade, que foi tirada de você há oito e meio meses", acrescentou a mãe dela.

O pai de Levy, Yoni, disse que gostaria que **n1bet** filha pudesse ver quantas pessoas compareceram para comemorar seu aniversário.

"Eu me lembro de **n1bet** risada e posso ouvir **n1bet** voz, imaginando exatamente o que você estaria fazendo hoje. Prepararíamos uma mesa para você, cheia de doces, balões e presentes. Como todos os anos", disse Yoni durante seu discurso na reunião.

"Que dia feliz isso poderia ter sido. Em vez disso, você está lá. No escuro. Por 260 dias já. E nós estamos aqui", acrescentou Yoni.

"Entendemos que 120 reféns não podem ser retornados por meio de operações militares. Nós precisamos dizer honestamente – 120 reféns só retornarão para casa por meio de um acordo", disse Yoni.

Yoni também dirigiu-se diretamente ao primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, dizendo: "A vitória na guerra não é apenas vitória **n1bet** batalhas militares. E não é apenas manter a coalizão a qualquer custo. A vitória na guerra é a capacidade de preservar os valores desta nação, anos à frente. E a vitória é a capacidade de continuar sendo fiel a nossos valores como judeus e israelenses."

Protestos **n1bet** todo o Israel

A reunião **n1bet** Praça de Reféns foi apenas uma de várias que ocorreram **n1bet** cidades **n1bet** todo o Israel no sábado.

Famílias de reféns mantidos na Faixa de Gaza também participaram de protestos **n1bet** Jerusalém, Herzliya, Cesareia, Raanana, Be'er Sheva, Kiryat Gat e a cidade de Pardes Hanna-Karkur.

Muitos agitaram bandeiras israelenses e seguravam sinais com imagens dos reféns israelenses.

"Viva! Viva! E não **n1bet** sacos

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: n1bet

Palavras-chave: **n1bet** - symphonyinn.com

Data de lançamento de: 2024-09-08